



**O CHILE  
DE BORIC  
E DA DIÁSPORA  
PALESTINA**

# MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises sobre a região, principalmente sobre o conflito entre a Palestina e Israel. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Oriente Médio e Norte da África.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça em toda a região, especialmente na Palestina.

MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça. Defende a restauração dos direitos palestinos, incluindo o Direito de Retorno, um Estado palestino com Jerusalém como sua capital e com a manutenção dos direitos democráticos. Defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Para assegurar que os formuladores de políticas sejam melhor informados, MEMO procura subsidiar atores internacionais responsáveis pelas decisões-chave que afetam o Oriente Médio. MEMO busca uma cobertura da mídia justa e precisa sobre a Palestina e outros países do Oriente Médio.

Título: O Chile de Boric e da diáspora palestina

Imagem de Capa: Gabriel Boric comemora a vitória nas eleições presidenciais do Chile, Santiago, Chile, 19 de dezembro de 2021. [Cris Saavedra Vogel/Agência Anadolu]

Publicado: Dezembro 2021

Copyright © MEMO Publishers 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio sem permissão prévia do proprietário dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio  
Avenida Conselheiro Carrão, 1077  
Sala 706, Vila Carrão São Paulo  
Estado de São Paulo, Brasil  
telefone: +55 (11) 2093-0599  
www.monitordooriente.com

## O Chile de Boric e da diáspora palestina

### Rita Freire

jornalista, especializada em política internacional pela Fundação Escola de Sociologia Política de São Paulo (FESPSP), ex-presidenta do Conselho Curador da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), representante da rede Ciranda de Comunicação no Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, editora senior do Monitor do Oriente Médio (MEMO).



O “Chile despertou! é frase ouvida no país desde os primeiros protestos dos pinguins, em 2006. quando meio milhão de estudantes - assim conhecidos por causa dos uniformes escolares do tipo terno e gravata - tomou as ruas em defesa da educação pública universal, contra as amarras do neoliberalismo. O esforço em sair do pesadelo instalado pelo general golpista Augusto Pinochet, em que a mercantilização do ensino foi um dos duros legados, continuou ano a ano, por mais de uma década, com novos protestos estudantis em 2008, 2011, 2012, 2015 e 2018. Até que o Chile todo foi mobilizado em 2019, com manifestações e greves contra o neoliberalismo.

A confiança no despertar ganhou nova força com as revoltas daquele ano, quando as pressões populares levaram à aceitação da proposta de formar uma Convenção Constituinte, com lideranças eleitas a partir das ruas, para redigir uma nova Constituição e enterrar de vez a Carta escrita pelo ditador em 1980 e reformada em 1985. O Chile incendiado por protestos não tentava se livrar apenas do legado de um general facinoroso que comandou o golpe e assassinato do presidente Salvador Allende em 1973. Mas também romper com um arco de forças repressivas que alimentaram a ditadura e continuam, até hoje, a assombrar aspirantes e lutadores por democracia.

Essas vozes guardiãs do regime neoliberal não se recolheram depois de 2019. As eleições parlamentares, asseguradas por uma minoria votante - já que no Chile a abstenção costuma superar a soma dos votos - formaram um Parlamento em que os partidos de direita que davam sustentação ao governo de Sebastian Piñera conseguiram assegurar metade do Senado sendo que a distribuição fragmentada dos assentos na Câmara dos Deputados também não assegura maioria fácil a ninguém.

Risco maior de continuidade neoliberal foi o resultado do primeiro turno das eleições presidenciais, ocorridas simultaneamente com as parlamentares. Nesse caso, o candidato ultraconservador José Antonio Kast Rist

obteve a maioria dos votos. O candidato da coalizão de centro esquerda, o jovem deputado Gabriel Boric, ex-líder estudantil e figura projetada pelos protestos antineoliberais, ficou em segundo lugar. Para vencer as eleições, este precisaria conquistar no segundo turno os votos de ex-candidatos derrotados e principalmente dos que preferiram não votar. Mas lhe faltava pelo menos um milhão de votos, o que dependia de convencer os não votantes a votar.

Com a aliança entre a Frente Ampla e o Partido Comunista, que formaram a Coalizão Apruebo-Dignidad, e uma campanha que envolveu atenções de toda América Latina, o sucesso foi finalmente obtido no dia 20 de dezembro, em que novos 1.250.000 eleitores participaram, vindos principalmente dos bairros populares da região metropolitana de Santiago, que definiram a eleição.



Boric na juventude, liderança dos protestos estudantis do Chile. Em 21 de abril de 2012 [Neuropata/Flick]

Boric, nascido na Patagônia, deputado e ex-estudante que já liderava protestos em 2011, aos 26 anos, tornou-se aos 36 anos o mais jovem candidato e agora o mais jovem presidente eleito pelos chilenos. Ele obteve 4.620.671 votos, alcançando 55,87%, dos votos válidos.

As referências ideológicas entre Gabriel Boric, um admirador de Salvador Allende sobre o admirador de Pinochet, José Antonio Kast Rist, este sendo uma aposta da extrema direita latino-americana de Jair Bolsonaro, trouxeram o calor da história de quase cinquenta anos do Chile, marcada pelo golpe de Estado e magnicídio contra Allende, e pela difícil resistência à ditadura, diretamente para o embate das urnas de 2021.

A festa multitudinária para festejar a vitória de Boric na praça Dignidad lembrou o comício de 1988 no mesmo lugar, quando um plebiscito entre o 'Sim' e o 'Não' convocado por Pinochet sobre a continuidade de

seu governo teve como resultado um retumbante 'Não'. Mas, como a história se escreve em tempos mais largos, a vitória de Boric hoje é como um passo seguinte a 88, acumulando energias contra o fardo neoliberal, cabendo entre uma celebração e outra os seguidos protestos estudantis e a revolta de 2019.



Cartas dos protestos no Chile por uma nova Constituição. Em 25 de outubro de 2019 [Carlos Figueiroa/Wikimedia]

Exige o que não foi obtido com os governos da "Concertación" pós-Pinochet, formada pelo Partido Democrata Cristão (PDC), Partido pela Democracia (PPD), Partido Radical Social Democrata (PRSD) e o Partido Socialista (PS), de 1990 a 2010, e tampouco os seguintes, da Nova Maioria, incluindo o Partido Comunista de Chile, a Esquerda Cidadã e o Movimento Amplo Social, que ficaram até 2018 quando Piñera foi eleito.

Com resultado dos protestos de 2019, em um plebiscito de 25 de outubro de 2020, 80% da cidadania nacional se pronunciou a favor da proposta da frente Apruebo Dignidad de alterar a Constituição Política de 1980/2005 por meio de uma Convenção Constitucional (CC) eleita integralmente pelos cidadãos. Em 15 de maio de 2021, com comparecimento eleitoral inferior ao registrado no plebiscito que definiu o modelo de convenção, foram eleitos 155 constituintes.

Ainda que as eleições parlamentares não tenham assegurado maioria no Congresso para o novo presidente, a eleição de constituintes, ocorrida antes, deu origem ao processo decisório mais importante para as mudanças que as forças apoiadoras do novo presidente - que tomará posse em 11 de março - pretendem. Muito do que Boric deseja fazer se relaciona com mudanças na estrutura do Estado a cargo da Convenção.

Eleita com paridade de gênero e representação indígena, o desenho da Convenção Constituinte trouxe uma situação bem diferente das formações parlamentares das últimas décadas. A principal delas é que a coalizão de apoio ao governo, embora com mais votos isoladamente, saiu derrotada na intenção de obter um terço das cadeiras, o que, pelas regras estabelecidas, lhe daria o poder de veto sobre as mudanças propostas para o Estado chileno.

Perderam com isso os partidos União Democrática Independente (UDI), Renovação Nacional (RN) e Evolução Política (Evópoli), e vários ligados à ex-Concertación. Já as listas independentes somadas e de Apruebo Dignidad, ocupam ampla maioria, sem contar com as cadeiras indígenas. A deputada Elisa Loncón, professora mapuche de 58 anos, foi escolhida por 96 entre os 155 constituintes para comandar a Convenção e abre o caminho para um Chile plurinacional.

Até agora, a tarefa de enterrar a velha Constituição que entregou o Chile à repressão e ao mercado não chegou a resultados concretos, que devem

porém avançar com a saída de Sebastian Piñera e a entrada de Gabriel Boric no poder executivo.

Um compromisso do candidato está em por fim à entrega da previdência aos fundos privados que investem fora do país, e de cujos lucros os trabalhadores não participam, conforme denunciam os críticos. São os chamados AFPs (Administradores dos Fundos de Pensões), filhos da Constituição de 1980, de Pinochet, e símbolos do Chile neoliberal ainda vigente e que, apesar da crise e do cansaço, não dá sinais de descanso.

O fim dos da AFPs é um dos motivos para que os mercados tenham reagido tão mal à vitória de Boric, fazendo disparar o dólar em 3% em relação ao peso. A moeda americana não estava tão valorizada no país desde março de 2020, quando começaram os primeiros casos de covid-19. Mas voltou a esses patamares em um só dia, após o resultado eleitoral, chegando a valer 872,61 pesos.

Se a previdência mobiliza os adultos, a educação angustia os jovens. Pinochet promulgou a Lei Orgânica Constitucional do Ensino em 10 de março de 1990, quando deixava a presidência, mas não o compromisso neoliberal de livrar o Estado dos gastos com educação. Ao apagar das luzes, entregou o ensino público aos municípios, diferenciando a qualidade conforme o porte econômico de cada lugar, arrochou o orçamento nacional da educação e empurrou os universitários para dívidas intermináveis, forçados a pagar por até décadas de obrigações pelo curso superior.

Foi contra essas políticas que mais de dois milhões de chilenos puxados pela juventude se mobilizaram em 25 de outubro de 2019 e mais de cinco milhões de trabalhadores e apoiadores pararam em 12 de novembro de 2019. É importante lembrar que esses protestos precisaram enfrentar a repressão brutal das bombas, disparos, mortes e mutilações até levantar todo país por mudanças. A eleição de Gabriel Boric não é apenas fruto de uma disputa eleitoral mas de um processo histórico de resistência.

## Dor palestina nos olhos chilenos

Foi durante os protestos no governo de Piñera que as redes sociais começaram a exibir fotos de manifestantes atingidos diretamente nos olhos por balas letais ou de borracha disparadas pelas forças do governo. Os militares chilenos foram acusados de disparos deliberados para cegar, munidos de equipamentos de vigilância e treinados por forças de elite estrangeiras, com fornecedores que desde os tempos de Pinochet abastecem seu arsenal repressivo.

Em março de 2018, durante a visita do general israelense Yaacov Barak ao Chile, os governos do israelense Benjamin Netanyahu e do chileno Sebastian Piñera assinaram mais um acordo de cooperação em educação, treinamento e doutrina militar.

De 200 a 300 pessoas, conforme diferentes fontes, foram cegadas em um dos olhos. O assunto traumatizou a sociedade chilena, com as feridas ainda latentes. As cobranças devem acompanhar a política do novo presidente, assim como não foram esquecidos os clamores de familiares de presos e desaparecidos da ditadura por Justiça e Verdade.

“No Chile, infelizmente, e apesar dos esforços que foram feitos, ainda há impunidade tanto para os crimes da ditadura quanto hoje em relação às graves violações dos direitos humanos devido aos protestos (...) Uma das prioridades do nosso governo é que haja verdade, justiça e reparação e não repetição”, assegurou Boric candidato.

As imagens de jovens feridos e chorando sangue remeteram a outras visões bem conhecidas dos palestinos do outro lado do mundo. Em quase dois anos de “Marcha do Retorno”, de março de 2018 até o início de 2020, em que moradores de Gaza se dirigiram diariamente à cerca de separação erguida por Israel, em um protesto pacífico e contundente, duas centenas de pessoas foram feridas diretamente em um dos olhos por balas de borracha. E uma grande maioria foi ferida nas articulações

dos joelhos por balas de metal certeiras. Muitas delas, ou deixaram de enxergar ou de caminhar. Foi uma resposta militar chocante e cruel a milhares que caminhavam em direção ao muro, com olhos mirando terras ocupadas ilegalmente e movidos por um direito legítimo de retorno.

O povo chileno acompanhou essas marchas, assim como organizou protestos barulhentos contra os onze dias de ataques israelenses à Gaza em 2021, quando a resistência se levantava para barrar o assalto à mesquita de Al-Aqsa e a expulsão dos antigos moradores do bairro de Sheikh Jarrah, ambos em Jerusalém, pelos colonos da ocupação.



Na época, uma imagem projetada em um alto edifício de Santiago, exibia com a frase: “Salvemos a Palestina”.

Um ano após o início da marcha do retorno na Palestina e em plena efervescência dos protestos por uma nova Constituinte no Chile, o deputado Gabriel Boric ousou instar publicamente judeus que o cumprimentavam para que pedissem ao Estado de Israel a devolução das terras palestinas ocupadas ilegalmente. O gesto que ganhou a simpatia de eleitores preocupados com a sorte do povo palestino falou diretamente a um expressivo contingente de

chilenos - ou de chilestinos como às vezes se auto-intitulam integrantes da enorme comunidade de origem palestina no país.

No post do meio do ano de 2021, e que passou a circular novamente como sinal de atenção ao comportamento do futuro presidente do Chile, Boric foi direto e desafiador: “A Comunidade Judaica no Chile me envia um pote de mel para o Ano Novo Judaico, reafirmando seu compromisso com “uma sociedade mais inclusiva, solidária e respeitosa”. Agradeço o gesto, mas eles poderiam sair pedindo a Israel que devolva o território palestino ocupado ilegalmente!

Boric se referia a uma mensagem oficial de entidade sionista, considerando que judaísmo e sionismo não são a mesma coisa, embora um seja usado pelo outro para sustentar a ocupação ilegal da Palestina.

Não foi a única manifestação de Boric que cutucou diretamente os brios sionistas e animou setores progressistas a abraçar sua campanha presidencial.

Após um encontro com lideranças da Comunidade Palestina do Chile, já como candidato oficial do Partido Comunista e da Frente Ampla, Gabriel Boric assinou uma série de compromissos, entre eles o de implementar o que diz o projeto de lei apresentado por dez deputados para impedir, com aplicação de sanções, a importação de produtos e serviços originários dos territórios palestinos ocupados.

O projeto de lei foi apresentado ao Congresso em junho de 2021, na sequência das denúncias da organização Human Rights Watch (HRW), que considerou Israel um Estado de apartheid. Foram signatários os deputados Sergio Gahona (UDI), Marcos Illabaca (PS), Karol Cariola (PC), Pepe Auth (IND), Ricardo Celis (PPD), Andrés Longton (RN), Jorge Brito (RD), Iván Flores (DC) e Alexis Sepúlveda (PR). E a proposta acabou sendo aprovada no Senado, ganhando cumprimentos vindos de Gaza, do Movimento de Resistência Islâmica, Hamas.

Hazem Qasem, porta-voz do movimento, aproveitou para fazer um apelo a todos os governos para que transformem sua oposição ao plano de anexação em medidas práticas, ao impor sanções sobre a ocupação israelense e indiciar judicialmente seus líderes.

Um dos signatários, Sergio Gahona, passou a integrar o Fórum Latino-Palestino, fundado há dois anos na América Latina, e participou dia 30 de novembro de 2021 da Conferência Internacional de Parlamentares por Al-Quds (Jerusalém), em Ancara, na Turquia, onde o propósito é multiplicar iniciativas parlamentares como a endossada pelo candidato chileno, agora virtual presidente.



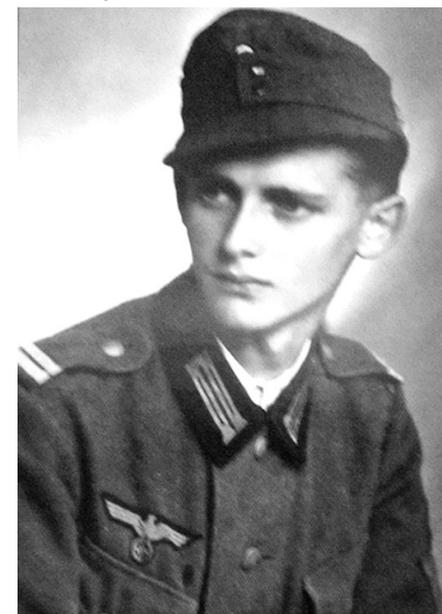
Sergio Gahona, senador eleito no Chile pelo partido da UDI, discursa em defesa da Palestina durante a Conferência Internacional de Parlamentares por Al-Quds, em 30 de novembro de 2021 [Monitor do Oriente Médio]

## O 'dilema' sionista nas eleições

Em Israel, às vésperas do segundo turno, o jornal Jerusalém Post acusava Boric de antissemitismo e registrava o apoio dos judeus chilenos ao candidato de direita, registrando porém a descoberta de que se tratava de um filho de nazista.

“O candidato presidencial de direita José Antonio Kast tem apoio significativo da comunidade judaica do Chile na eleição de seu país, que está encaminhada para o segundo turno em 19 de dezembro.” noticiou o jornal. Acrescentou porém a notícia publicada pela Associated Press dias antes informando que o pai de Kast teria sido provavelmente um membro do partido nazista da Alemanha. “Documentos obtidos pela AP sugerem que o falecido Michael Kast aderiu ao partido nazista em 1942, quando tinha 18 anos.”, dizia o jornal, informando que “Michael Kast imigrou para o Chile em 1950 e era conhecido por ter servido no exército de Adolf Hitler. Mas antes do relatório da AP, não se sabia se ele era realmente um membro voluntário do partido nazista.”

A escolha entre os candidatos, mesmo incluindo o fator ‘nazista’ entre suspeitas e riscos avaliados, “não foi tão fácil” de acordo com o JP. No dia 20, após as votações, o jornal apontou que “os resultados da eleição são vistos de forma negativa pela comunidade judaica do Chile, devido à postura antissionista declarada de Boric.” Lembrou ainda que “Boric chamou Israel de ‘estado assassino’ em uma reunião com a comunidade judaica durante sua campanha e as-



sinou uma declaração de apoio à causa palestina em uma reunião com o presidente da comunidade palestina de 350.000 membros do Chile...De acordo com alguns dos 18.000 judeus do Chile, um forte discurso anti-Israel está emanando da esquerda, que inclui a comunidade palestina do país, a maior fora do Oriente Médio...Resta ver como a ascensão de Boric ao poder afetará a comunidade judaica do Chile e as relações com Israel.”, pontuou o jornal.



O candidato da Ação Republicana, representante da direita chilena, Antonio Kast, em 2019 [Wikimedia]

Segundo apuração não oficial, no primeiro turno, o candidato de direita obteve 40 votos na mesa localizada na cidade de Tel Aviv, enquanto Sebastián Sichel ficou em segundo lugar com 18 votos e Gabriel Boric em terceiro lugar com 15.

E no segundo turno, mesmo com o fantasma de possíveis ideias nazistas rondando as urnas no Chile, o resultado se manteve a favor de

Kast. Dos 111 chilenos que vivem em Israel e que votaram no exterior, 73 votaram em Kast, e apenas 33 em Boric, de acordo com o banco de dados de eleições nacionais do Chile.

O “dilema” também foi argumento do jornal Times de Israel, ao dizer que a “eleição deixou muitos judeus chilenos ‘desconfortáveis’ porque precisaram escolher entre Boric, que encorajou os judeus chilenos a fazerem lobby por ‘concessões’ territoriais israelenses, e Kast, cujo pai provavelmente era um nazista e que defendeu o legado de Augusto Pinochet, chefe da ditadura militar do Chile que matou milhares de dissidentes na década de 1970.”

Por sua história de resistência e laços com o povo palestino, o Chile foi um dos países da América Latina que mais registraram protestos durante aqueles onze dias de ataques de Israel à Gaza, iniciados em 10 de maio, destruindo casas e estruturas básicas, deixando 248 mortos, sendo 66 crianças, e quase 2.000 feridos.

## Chilestinos, presença em todas as áreas

Os chilenos de origem palestina formam uma comunidade eclética e diversa que participa de todas as camadas e classes sociais, dos empregos assalariados aos negócios, os estudos, as artes, ao futebol e a política, sem necessariamente ser de um partido ou outro, ou ter um candidato hegemônico. Mas ostentam um amor em comum: a terra e o povo palestinos.

A atenção a tudo que acontece na Palestina é uma constante no país sul-americano, que acompanhou com críticas a situação recente nas terras ocupadas durante a pandemia e a política de descaso do Estado ocupante.



Também aí houve intervenções urbanas como a da ONG Salvemos Palestina na capital Santiago, para denunciar o “apartheid da saúde” na Palestina, em contraste com a publicidade israelense de sua exitosa campanha de vacinação contra a covid-19

Uma certa identificação com a história de resistência chilena e de reciprocidade ao carinho rebido do país sul-americano pode ser vista na cidade de Ramallah, na Cisjordânia, onde uma rua batizada com o nome de Salvador Allende inclui pequeno memorial à sua vida de 1908-1973. A placa afirma que político marxista, presidente do Partido Socialista

Chileno, eleito presidente em 1970, foi assassinado em 11 de setembro de 1973. E que os golpistas apoiados pelos Estados Unidos instalaram em seguida um regime fascista.

Os laços palestinos com a história do Chile são políticos e afetivos. A grande comunidade que faz do país sua maior diáspora fora do Oriente Médio já estava lá bem antes de Allende ser eleito e chegou a ter um pré-candidato a presidente nas prévias das últimas eleições.



Daniel Jadue, neto de imigrantes palestinos, prefeito de Recoleta, e que chegou a ser pré-candidato à Presidência, durante um bandeiraço em Valparaíso onde apresenta os candidatos do partido comunista ao Parlamento chileno. Em 19 de fevereiro de 2021 [Agência Mediabanco/Flick]

Daniel Jadue, neto de imigrantes palestinos, e prefeito reeleito da cidade de Recoleta, apresentou sua candidatura à presidência com uma plataforma de esquerda e de apoio incondicional à causa palestina. A partir daí, sua vida foi revirada. Em dado momento, surgiu na mídia um anuário escolar dos tempos da adolescência, em que colegas de Jadue o definiam como antisemita. Parlamentares pediram explicações, ao que Jadue protestou no Twitter: “Um país em meio a uma crise econômica e de saúde, centenas de mortes por dia, as famílias não sobrevivem, mas deputados de direita votam para que eu explique o que outros escre-

veram, em um anuário escolar, 35 anos atrás! “, escreveu ele, usando a hashtag # PongámonosSerios. (Sejamos sérios).

Enquanto pré-candidato de esquerda, pesquisas eleitorais indicaram o ex-líder estudantil Jadue por algum tempo no topo das pesquisas de intenção de voto. Mas ele não teve a candidatura homologada. No fim, o processo eleitoral deu a outro ex-líder estudantil o direito de disputar com a extrema direita, mantendo a causa palestina entre os compromissos.

Entre os antepassados de Jadue e das atuais gerações de chilenos palestinos, a América era vista como um “novo mundo” cheio de oportunidades. Muitos jovens fizeram a travessia para a Europa, depois para a Argentina, e boa parte deles seguiu pelos Andes até chegar ao Chile.

Entre 1885 e 1940, os árabes somavam entre 8.000 e 10.000 pessoas no Chile, segundo o livro “O Mundo Árabe e a América Latina”, metade deles palestinos, a maioria vindos de Belém, Beit Jala e Beit Sahour .

“A saída de palestinos, sírios e libaneses ocorre em meio a uma situação de crise econômica, declínio do Império Otomano e repressão aos primeiros movimentos nacionalistas árabes na região”, explicou Ricardo Marzuca, acadêmico do Centro de Estudos Árabes, da Universidade do Chile, em entrevista à BBC

A migração ao Chile, portanto, antecedeu a Nakba de 1948, quando a ONU autorizou a partilha da Palestina para fundação do Estado de Israel. As primeiras levas migraram no final do século XIX, quando o projeto sionista já começava a reivindicar a terra dos palestinos.

Segundo o escritor Nur Masalha, em “A expulsão dos palestinos”, “a noção de transferência ou de limpeza étnica é tão antiga quanto o moderismo sionista político e tem acompanhado sua evolução e práxis durante

todo o século passado”.

Ele cita uma anotação de Theodor Herzl, pai do sionismo, de 12 de junho de 1885 sobre métodos bastante cruéis para forçar a transferência gradual de habitantes da terra para fora dela. “ Deveremos incentivar os despossuídos a cruzar as fronteiras, para encontrar trabalho em outros países, enquanto lhes negamos emprego em nosso próprio país” - escreveu Herzl, referindo-se à desocupação da Palestina pelos colonos judeus.

A maioria dos palestinos que atravessaram o Atlântico antes de 1948, em busca de uma nova condição de vida no Chile, veio de famílias cristãs que deixaram a Palestina há mais de um século, fugindo também dos recrutamentos compulsórios do exército otomano. O Chile, por sua vez, buscava imigrantes para fortalecer sua economia e controlar o território. Esses novos chilenos palestinos trouxeram lembranças de uma terra materna ainda intacta, para a qual muitos poderiam talvez voltar um dia, e na qual deixavam parentes e laços familiares.

Uma segunda onda migratória ocorreu depois das duas guerras mundiais, com a desintegração do Império Otomano e a criação de Israel. Com a Nakba, uma nova leva precisou buscar refúgio fora da Palestina, quando a grande transferência teve início com a expulsão de mais de 800 palestinos.

Nur Masalha registra as palavras de David Ben Gurion, fundador de Israel, em 1937, que não deixam dúvidas sobre a política deliberada para expulsão dos palestinos: “temos que nos agarrar a essa conclusão [transferência obrigatória] da mesma maneira que nos apegamos à declaração Balfour, mais ainda, devemos fazê-lo tal como nos aferramos ao próprio sionismo. Devemos insistir nela (e impulsioná-la) com toda nossa determinação, poder e convicção”

O Chile, onde já viviam parentes dos palestinos expulsos pelo projeto sionista, também foi destino de parte destes. Outra grande parte ficou retida nos campos de refugiados, com a promessa do direito de retorno. Todas essas pessoas integram as cinco milhões de almas da Diáspora Palestina e esses laços mantêm milhares de chilenos ligados à identidade original palestina, em sua vida política, cultural e esportiva.



Para celebrar o seu centésimo aniversário em 2020, o Palestino lançou e divulgou nos seus canais oficiais de comunicação seu uniforme comemorativo [Divulgação/Palestino].



Em 2014, o Deportivo Palestino exibiu o mapa da Palestina Histórica em lugar dos números nas camisas dos jogadores

O “Deportivo Palestino”, um importante clube de futebol que joga na primeira divisão do Chile, considerado segundo time nacional de futebol, nasceu informalmente em 1916 e foi oficializado quatro anos depois. Em 2020, comemorou seu centenário com homenagens à Palestina em seu uniforme oficial.



No post, a jogadora Cote Urrutia exhibe a camiseta do centenário do Deportivo Palestino

O grande estádio La Cisterna do Palestino, em Santiago, exhibe bandeiras palestinas e é um dos maiores centros comunitários da capital, além de ponto turístico para visitantes vindo de dentro ou de fora do Chile.

## Palestina, Cuba, Nicarágua e Venezuela

O programa internacional de Boric não está ainda entre os primeiros assuntos em debate sobre o novo governo, que se concentram mais na estrutura interna do Estado e as reformas pretendidas. A exceção está nas suas opiniões sobre Palestina, Cuba, Venezuela e Nicarágua, que causaram polêmica durante a campanha.

Sobre a Palestina, o discurso em favor do boicote ao que venha das terras ocupadas ainda passará pelo cerco poderoso de negociadores de armas, tecnologias e acordos militares que impõem condições aos governos “clientes”. Será um teste para os compromissos de Boric.

Entre os contratos em curso estão os que o governo de Sebastian Piñera assinou com Israel para substituição do satélite Fasat-Charlie que já atingiu sua vida útil. Junto com um segundo satélite em construção no país, o novo satélite integrará uma “constelação satelital” e deverá entrar em operação em 2022 com a possibilidade de acesso a 250 satélites, produzindo informações militares e cartográficas.

Pelas regras contratuais, o uso será de 60% para o Chile e 40% para o consórcio israelense vencedor da licitação, a ISI ImageSat Internacional, com sede em Tel Aviv. Junto com americana SpaceX, a ImageSat participará do lançamento dos dez satélites do novo Sistema Nacional Satelital (Snsat) do Chile, a ser concluído em 2025.

Outro tema de negociação serão as deportações ou rejeições de vistos a que foram submetidos vários cidadãos chilenos-palestinos por Israel. Perguntado sobre isto, Boric respondeu:

“Esperamos trabalhar como governo tendo uma resposta mais contundente do que a do atual governo nestes casos e trabalhar bilateralmente

com o Estado de Israel para alcançar uma maior cooperação”.

Sobre Cuba e Venezuela, dois países solidários com a Palestina e que vivem sob sanções internacionais, o próprio Boric provocou reações entre apoiadores em um artigo publicado em seu blog sobre “A esquerda e nossa obrigação de (seguir) um padrão único de direitos humanos”.

No artigo, o então candidato diz crer em uma “esquerda socialista, democrática e libertária que enfrenta o neoliberalismo sem complexos e é capaz de propor uma alternativa ao sistema que hoje condena a maioria das pessoas a viver para trabalhar em condições de incerteza permanente. Mas para isso”, ele adverte, “precisamos cuidar desse mínimo, que os direitos humanos devem ser sempre respeitados, em qualquer contexto e sem qualquer desculpa.”

“A premissa básica para mim é a seguinte: os direitos humanos devem ser universalmente respeitados e sua violação deve ser condenada sem nuances, independentemente de quem sejam as vítimas e perpetradores.”

O que fez arregalar os olhos de boa parte das esquerdas do continente foi a acusação de as mesmas terem duas medidas sobre direitos humanos, uma em relação à Pinochet. Israel, Estados Unidos e Bolsonaro, outra em relação aos governos amigos.

Colocando todos no mesmo saco, Boric escreveu:

«Tenho a convicção de que assim como condenamos a violação dos direitos humanos no Chile durante a ditadura (e também hoje, por exemplo com a criminalização do povo mapuche, ou com o tratamento que o atual governo está dispensando a parte da população migrante), os golpes “brancos” no Brasil, Honduras e Paraguai, a ocupação israelense da Palestina ou o intervencionismo dos Estados Unidos, devemos com a

mesma força condenar a restrição permanente das liberdades em Cuba, a repressão governamental de Ortega na Nicarágua, a ditadura na China e o enfraquecimento das condições básicas da democracia na Venezuela”, disse ainda parlamentar.

O artigo, que provavelmente angariou a simpatia de eleitores críticos à Venezuela bolivariana e à Cuba comunista, questiona:

“Ser crítico do governo Maduro significa necessariamente estar com o setor golpista da oposição venezuelana? Condenar a violenta repressão estatal na Nicarágua significa validar os assassinatos cometidos por gangues armadas contra militantes sandinistas? Dizer que o modelo de partido único de Cuba, onde não há liberdade de expressão, deve ser nosso modelo, não significa tornar-se um pseudo-agente da CIA? Duvidar de nossas próprias convicções e tradições nos torna covardes?”

“Não. Categoricamente, não.” - ele mesmo responde. “Da esquerda, da Frente Ampla, e em particular do Movimento Autônomo, não podemos nos permitir continuar com a dupla moral nesta matéria, nem nos esconder atrás do princípio da autodeterminação dos povos para justificar as violações dos direitos humanos contra os mesmos povos”.

Incrédulo com as comparações, o neto de Salvador Allende, Pablo Sepúlveda Allende, escreveu-lhe de forma bastante dura, questionando sua desinformação e o desejo de ficar bem sem arriscar-se.

“Deputado, atrevo-me a responder-lhe porque vejo o perigo de que isso signifique que dirigentes importantes como o senhor, jovens referentes daquela “nova esquerda” que surgiu na Frente Ampla, façam comparações simplistas, absurdas e mal informadas sobre questões tão delicadas como direitos humanos.

“É muito tendencioso e rude você equiparar - sem o menor argumento

- o suposto ‘enfraquecimento das condições básicas da democracia na Venezuela’, a ‘restrição permanente das liberdades em Cuba’ e ‘a repressão do governo Ortega na Nicarágua’ com as comprovadas atrocidades da ditadura militar no Chile, o evidente intervencionismo criminoso dos Estados Unidos em todo o mundo e o terrorismo do Estado de Israel contra o povo da Palestina.

“O fato de você escrever tal absurdo não ‘significa se tornar um pseudo agente da CIA’, mas denota uma importante irresponsabilidade e imaturidade política que pode transformá-lo em um elemento útil para a direita, ou pior, acabar sendo essa ‘esquerda’ que a direita deseja; uma esquerda burra, ambígua, uma esquerda inofensiva, que pelo oportunismo prefere parecer “politicamente correta”, aquela esquerda que não é “nem chicha nem limonada”, aquela que não quer ficar mal com ninguém.”

Sepúlveda Allende alerta que “essa esquerda confunde, porque não ousa apontar e enfrentar com coragem os verdadeiros inimigos dos povos. Daí o perigo de emitir opiniões politicamente imaturas”.

Ele também devolve questões à reflexão do agora presidente eleito. “Você já se perguntou por que a Venezuela está sendo tão difamada e atacada pela mídia? Por que é notícia todos os dias em praticamente todos os países do mundo ocidental onde os meios de comunicação de massa dominam? Por que é atacado por todos os lados e em uma gangue? Por que esses grandes noticiários se calam sobre os contínuos massacres na Colômbia e no México? Por que aqueles que rasgam a roupa preocupados com um deputado venezuelano, que confessou ter participado de uma tentativa de assassinato, não têm a coragem de exigir que Israel acabe com o genocídio contra o povo palestino?”

Para o intelectual, esse é “o mundo de cabeça para baixo ... o mundo da política sem ânimo e sem coragem.”

Os grandes meios de comunicação do Chile, concentrados nas mãos de poucos na América Latina, estão via de regra alinhados com as críticas às experiências socialistas na América Latina.

Dois empresários controlam a imprensa escrita, Agustín Edwards e Álvaro Saieh, através de seus diários El Mercurio e La Tercera. A televisão é veículo utilizado constantemente para criminalizar os protestos sociais e exibir simpatia pelas manifestações da oposição aos governos de esquerda.

O presidente Sebastián Piñera venceu as eleições passadas usando seu próprio canal de televisão. Outro é ligado ao Vaticano e um terceiro pertence ao multimilionário Ricardo Claro, do Opus Dei. Há ainda outros dois pertencem ao magnata mexicano Ángel González e um canal estatal que reverbera as políticas do governo.

O fato de ter enfrentado esse arco de pressões sobre o imaginário chileno torna a resistência que deu vitória a Boric ainda mais significativa. Saudada na América Latina, incluindo mensagens de congratulações do presidente venezuelano Nicolás Maduro, ela vem alterar novamente a bússola da região, apontando para a formação de governos mais progressistas e menos neoliberais, contra o extremismo de direita que avançou em 2018 com a eleição de Jair Bolsonaro no Brasil.

O governo brasileiro foi o único que se negou a cumprimentar Boric pela vitória. O comportamento hostil de Bolsonaro sugere uma confiança na sobrevivência da extrema direita, que pode ter perdido as eleições no Chile, como nos Estados Unidos, mas que já fez a façanha de tornar lideranças de recorte facista elegíveis e com bases sólidas na população.

O republicano Kast e a família Bolsonaro mantêm relações políticas desde os tempos de campanha eleitoral no Brasil, preocupados em frear a esquerda na América Latina. O site La Tercera relata um episódio pou-

co conhecido ocorrido em 14 de julho de 2018, quando Kast recebeu um email do filho de Bolsonaro, o deputado federal Eduardo Bolsonaro, convidando Kast para falar na chamada “Cúpula Conservadora das Américas”. O evento programado para o final daquele mês em Foz do Iguaçu “pretendia ser uma espécie de alternativa ao Fórum de São Paulo -que reúne coletividades de esquerda da América Latina- para expor projetos realizados pela direita em outros países da região.”

Conforme La Tercera, Kast seria o único político chileno a falar naquele evento. Faria parte de um painel com o próprio Jair Bolsonaro, discursando sobre “recuperar o nosso país das mãos da esquerda”. Em meados de julho a cúpula foi cancelada para evitar problemas com a justiça eleitoral brasileira, por ser tempo de campanha presidencial.

A direita representada por Bolsonaro no Brasil, Kast no Chile e Donald Trump nos Estados Unidos continua estabelecendo laços estratégicos e solidários e deve opor resistência articulada aos governos progressistas ou de esquerda da região. Como avaliam os analistas políticos, após o atual presidente dos Estados Unidos vencer o candidato republicano: “Trump perdeu, mas o trumpismo não morreu”. Assim como Bolsonaro, que mesmo caindo em popularidade mantém seus quase 30% de fidelidade no eleitorado, Antonio Kast, ao ter sido o mais votado no primeiro turno, também cumpriu o papel de consolidar um segmento ativo de direita militante no Chile.

## O programa de governo de Boric



Gabriel Boric e Apruebo Dignidad comemorando um ano da vitória sobre o formato da Convenção Constituinte, ao lado de lideranças, lideranças, representantes do conglomerado e candidatos ao parlamento. Em 25 de outubro de 2021 [Agência Mediabanco / Flickr]

Durante a campanha eleitoral, Gabriel Boric definiu seu plano de governo com a frase: “Garantir um estado de bem-estar para que todos tenham os mesmos direitos, independentemente de quanto dinheiro possuam na carteira”.

Antes do segundo turno, ele apresentou seu “Acordo de Implementação Programática” desenvolvido com as equipes técnicas dos ex-candidatos Marco Enríquez-Ominami e Yasna Provoste e no qual, segundo ele, “ficou claro que existem pontos de contato entre as propostas de seus ex-competidores de esquerda e centro-esquerda.

De acordo com uma síntese publicada pelo boletim informativo Resumen Latinoamericano, Boric explicou que a “urgência de recuperar empregos de qualidade é partilhada com esses partidos, nomeadamente no caso

das mulheres”. Também coincidem no apoio efetivo às pequenas e micro empresas, em políticas para promover o crescimento e recuperação econômica sustentável, considerando as necessidades do enfrentamento à crise climática”.

O fim dos AFPs é outro ponto em comum da coalizão vitoriosa, convencida pelo “desejo do cidadão” expressado na revolta popular. Um sistema pensões, segundo o presidente, deve “funcionar de acordo com os princípios da segurança social, aumentando as pensões dos atuais e futuros aposentados, associados a “um novo sistema de saúde com um único seguro que não faça distinção entre ricos e pobres”.

Ele também destacou os acordos de que o crescimento econômico e a reforma tributária progressiva são necessários para essas melhorias, a fim de “financiar as reformas de forma responsável e, assim, garantir um caminho de consolidação fiscal, onde cada nova despesa comprometida tenha financiamento garantido”.

Na proposta, Boric levanta quatro eixos sintetizados por Resumen Latinoamericano, propostos como bases para o crescimento sustentável e as reformas dos sistemas previdenciário, sanitário e tributário.

### Crescimento sustentável

*O primeiro capítulo aborda o crescimento sustentável que atinge “a todos, principalmente as mulheres e as MPMs (micro, pequenas e médias empresas)”, diz o texto.*

*Propõe-se recuperar a participação laboral das pessoas mais afetadas pela pandemia, e para isso entende-se que é necessário redesenhar os subsídios e focalizá-los nas mulheres.*

*Treinamento e reciclagem profissional também serão promovidos para*

*enfrentar os impactos da tecnologia.*

*Quanto às pequenas e médias empresas, apoiará o desenvolvimento e a inovação.*

### **Sistema de pensões**

*No que se refere às pensões, é proposto um novo sistema sem AFPs com o objetivo de “materializar o direito à segurança social, aumentando de forma sustentável as pensões atuais e futuras”. Este sistema será público e será financiado com contribuições de empregadores, trabalhadores e impostos.*

*É proposta uma Pensão Básica Universal de 250 mil pesos (equivalentes a cerca de US\$ 297) que beneficiará todos os adultos com mais de 65 anos.*

*Neste capítulo, a igualdade de gênero é promovida para “garantir a igualdade de fato para as mulheres”. Isso será alcançado por meio de: regras de representação igual nos órgãos do sistema; uso de tabelas unissex para expectativa de vida; subsídio para lacunas de pensões por motivos de assistência não remunerada, independentemente de o cuidador ser mulher ou homem.*

### **Sistema de saúde**

*Melhorar o sistema de saúde será uma “prioridade” no governo Boric, diz o programa. O modelo proposto tem como foco a atenção primária, é baseado no sistema público e é progressivamente financiado por impostos gerais.*

*“É necessário aumentar a justiça, a equidade e a solidariedade do sistema, a eficiência no uso dos recursos, promover uma sociedade mais*

*saudável, garantir que as pessoas tenham proteção financeira contra os gastos com saúde e garantir o acesso a serviços oportunos, dignos e de qualidade”, é dito no documento.*

### **Reforma tributária**

*O último capítulo refere-se à implementação de uma reforma tributária. Um imposto de renda é proposto para grandes empresas. Hoje as receitas de capital no país “pagam proporcionalmente um imposto menor do que as que vêm do trabalho, gerando uma desigualdade que não tem justificativa”, afirma o documento.*

*Outro ponto é a redução das isenções que “geram uma despesa tributária injustificada”, impondo um imposto sobre o patrimônio (incluindo um imposto sobre o patrimônio dos super-ricos); impostos verdes; royalties para a mineração em grande escala e medidas contra evasão.*

### **O compromisso palestino**

Ao chegar ao La Moneda, Gabriel Boric promete assumir uma “posição mais explícita condenando as violações dos direitos humanos, o direito internacional e o direito humanitário na Palestina”.

“Essa é a posição de defesa dos direitos humanos do programa e implica exigir o cumprimento das resoluções da ONU sobre os territórios ocupados e o êxodo da população palestina, os acordos de Oslo e as diferentes instâncias de possíveis negociações de paz”, diz ele.

Boric é confiante de que as posições de seu governo poderão contribuir para a promoção dos direitos na região e no mundo.

# MEMO

## MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

*Criando Novas Perspectivas*



[monitordooriente.com](http://monitordooriente.com)



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordooriente)